

Análise da atividade: profissionais do sexo do Parque Moscoso

Analysis of the activity: the sex workers of Parque Moscoso

Ana Paula da Vitoria Mattedi; Maria Elizabeth Barros de Barros; Silvia Vasconcelos Carvalho

Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Neste artigo analisamos a atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso, ES/Vitória, Brasil. Para seu desenvolvimento, utilizamos o conceito de atividade advindo de uma linhagem francesa de estudos sobre o trabalho, a Ergonomia, e ampliado pela Ergologia – que pontua que o trabalhador jamais reproduz o que lhe é demandado somente – e pela Clínica da Atividade – que inclui na atividade não apenas o que o trabalhador fez, mas também o que não pôde fazer. Após algumas derivações impostas pelo processo de pesquisa, nos inspiramos no método da Instrução ao Sósia para construir diálogos com essas profissionais. Com este trabalho, queremos ressaltar as invenções e potencialidades presentes na vida dessas mulheres, que certamente não se reduzem às prescrições escritas e não escritas para sua ocupação.

Palavras-chave: profissionais do sexo; atividade; instrução ao sósia.

ABSTRACT:

In this article we analyse the activity of the sex workers of Parque Moscoso, ES/Vitória, Brazil. For its development, we use the concept of activity formulated by a French lineage of studies on the field of labour, the Ergonomics, and extended by the Ergology - which points out that the worker never only reproduces what is demanded to him - and the Clinic of Activity (Clinique de l'Activité) - which includes in the activity not only what the employee did, but also what he couldn't do. After some leads imposed by the search process, we were inspired by the method of Instruction to the Ringer to build dialogue with these professionals. With this work we want to highlight the inventions and potential present in the lives of these women, which certainly can not be reduced to the written and unwritten regulations for their occupation.

Key-words: sex workers; activity; instructions to the ringer.

Introdução

Realizamos uma dissertação de mestrado que pretendeu colocar em análise a atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso, Centro de Vitória, ES, Brasil. Procuramos desenvolver essa análise sob um viés não moralizador, que buscasse mais que o plano do problema repetidamente relatado por pesquisas nesse campo (SIMON; SILVA; PAIVA, 2002; GUIMARAES; MERCHAN-HAMANN, 2005; BORBA, 2010;

MOURA; PINHEIRO e BARROSO, 2009), ou seja, o acometimento por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Outras questões frequentemente trazidas em artigos e livros sobre o assunto consistem em: problemática da profissionalização X não profissionalização da ocupação (ABSI, 2010; BARBOSA, 2007 e RODRIGUES, 2009); vitimização e subjugação das mulheres que exercem tal atividade em uma sociedade machista (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007); indignidade entendida como inerente à atividade nesse meio, percebido como mortificante e mortificador (LAGENEST, 1975; SANTOS, 2008).

Essas são questões contemporâneas que nos afetam e que, por vezes, interferem ou mesmo determinam as atividades das profissionais do sexo. Neste artigo, contudo, não focaremos nessas questões, mas sim nas trazidas pelas profissionais do sexo do Parque Moscoso ao falarem de sua atividade. Buscamos apresentar a atividade dessas profissionais na defesa de que, em toda atividade humana, há sempre criação de outras possibilidades de trabalhar-viver.

Ao falarmos de atividade humana, utilizamos o conceito de *atividade* advindo de uma linhagem francesa de estudos sobre o trabalho, a Ergonomia, e ampliado pela Ergologia - que pontua que o trabalhador jamais reproduz o que lhe é demandado somente - e pela Clínica da Atividade – que inclui na atividade não apenas o que o trabalhador fez, mas também o que não pode fazer.

Entendemos, com a Ergologia, que o trabalhador nunca reproduz somente o que lhe é exigido. Em atividade, surgem imprevistos e precisamos buscar maneiras de superá-los para efetivar o trabalho. Há um debate de valores que pauta a relação entre as normas antecedentes e a renormatização efetuada por cada trabalhador (SCHWARTZ et alii., 2007).

As normas antecedentes, conceito desenvolvido por Schwartz, inspirado por Canguilhem, são construções históricas que incluem a prescrição, mas jamais se restringem a ela. As prescrições sobre o trabalho, definidas pelo empregador, são tentativas de pré-definir a atividade, enquadrando uma situação antes de ela acontecer. As normas antecedentes se constituem dos regulamentos e tecnologias disponíveis para a realização da atividade, das prescrições, das determinações hierárquicas, da experiência acumulada de um ofício, dos valores formados por essa experiência e também dos valores da sociedade na qual a atividade está inserida.

Não há, no entanto, a possibilidade de uma antecipação total da atividade. Em atividade, imprevistos podem acontecer e o ser humano é chamado a recriar seu meio de

trabalho, a produzir e afirmar novas normas em um movimento de renormatização. As normas antecedentes podem ainda abarcar normas contraditórias, diferentes valores, como, por exemplo, o que meu chefe espera do meu trabalho, o que minha família deseja e o que eu gostaria de fazer, e cabe ao trabalhador gerir essas diferentes normas.

Com a Clínica da Atividade, incluímos no processo do fazer também aquilo que o trabalhador não fez, mas gostaria de ter feito; aquilo que ele considerou ser possível fazer e aquilo que ele considerou impossível (CLOT, 2006).

Schwartz (Schwartz et alii, 2007) entende o trabalho como uma forma historicamente específica de algo mais geral, a atividade humana. Ninguém apenas se submete às situações de trabalho, vive-se e recria-se nelas. Procuramos analisar o trabalho das profissionais do sexo do Parque Moscoso, portanto, problematizando a visão hegemônica de que nessa atividade atuam pessoas que não servem para nada. Encontramos não apenas os dramas humanos vividos, mas também as criações e renovações estilísticas presentes em todas as atividades, inclusive na das profissionais do sexo.

Método: instrução ao sócia

A princípio escolhemos acompanhar o movimento de constituição da atividade dessas mulheres através de uma câmera, filmando com elas um documentário sobre a prostituição no Parque Moscoso. Acreditávamos que as lentes da câmera, mesmo que dirigida por quem a porta, poderiam perceber movimentos não vistos a olho nu. Ao longo do processo, entretanto, deparamo-nos com questões relativas a essa atividade que deslocaram a forma como pretendíamos realizar a pesquisa.

No contato inicial com as profissionais do sexo, pudemos perceber questões que interferem no cotidiano de trabalho dessas mulheres e que também se tornaram desafiadoras para a pesquisa: o tipo de atividade que exercem, a baixa renda que conseguem com seu trabalho, o entendimento desta atividade como indigna, a ideia de que a pesquisa poderia retirá-las, de alguma maneira, da prostituição, o modo como essa atividade se realiza em segredo, entre outras. Questões que surgiram no movimento da própria pesquisa e que o (trans)formaram.

A questão mais desafiadora para esta pesquisa certamente foi a de que esta atividade se realiza *em segredo*. Como estabelecer as bases para um diálogo com

trabalhadoras para as quais o segredo é uma estratégia de trabalho? Como com elas fazer uma filmagem?

Algumas mulheres não quiseram conversar conosco nem nos conhecer, justamente para que seu trabalho permanecesse em segredo. Katie e Fernanda¹, duas mulheres com as quais conversamos, não queriam, a princípio, falar que eram prostitutas. Para elas, o local de conversa não poderia ser qualquer um, pois nenhum conhecido poderia ouvi-la. Percebemos que conversar com elas e falar de assuntos como prostituição, sexo e clientes era, antes de tudo, a construção de uma relação de confiança.

Nossas intenções foram e são constantemente moduladas por um real imprevisível e que nos desafia, coloca à prova nossas pretensões. Priscila², outra mulher com a qual conversamos, avisou que não aceitaria ser filmada, pois não queria que seu filho soubesse sobre sua história de vida. Foi taxativa ao dizer que nenhuma garota de programa dali aceitaria ser filmada. Os encontros que marcávamos eram todos cancelados: *elas não querem ser apresentadas a você*. Mas por que não? *Elas têm medo. Medo de você ser jornalista, assistente social, polícia, e qualquer profissão que sirva como forma de controle. Medo de que amanhã a família delas descubra, por sua causa, que elas são prostitutas*.

Deparamo-nos com uma convocação que nos acompanhou durante todo o processo de pesquisa: teríamos que tecer outras formas de pesquisar para lidar com o “modo segredo” constituinte dessa atividade. Um desafio que surgiu ao trabalharmos com populações com que habitualmente não trabalhamos, como as profissionais do sexo.

Ao mesmo tempo, éramos constantemente colocadas no lugar de especialistas que poderiam retirá-las da prostituição. As próprias profissionais falam delas mesmas como “fracas” e “vítimas”. Ocupar esse lugar de quem sabe o que é melhor para aquelas trabalhadoras seria desqualificar a experiência das próprias mulheres que ali atuam. Dizer que alguém, que não elas, pode falar sobre o que é melhor para elas.

Repensamos a melhor forma de entrar em contato com essas mulheres e abandonamos a ideia de filmagem, mas permaneceu a ideia de um roteiro de sua atividade. Katie e Fernanda pareciam animadas para conversar conosco, mas eram reticentes quanto a falar abertamente sobre suas vidas na prostituição. Essa se tornou uma oportunidade para construirmos com elas um *roteiro de sua atividade*. Construir um roteiro coletivamente poderia nos permitir acessar uma dimensão da vida daquelas

trabalhadoras que não ficasse limitada aos aspectos de uma qualificação a priori relativa à sua atividade. Principalmente, precisávamos construir esse roteiro sem tocar em temas como filmagem, gravação, TV, documentário, pois falar disso seria tratar de uma questão cara para elas: o segredo.

Optamos por fazer um roteiro de suas atividades inspirando-nos no método da *instrução ao sócia*, proposto por Ivar Oddone (1986). Esse método nos permitiria construir nosso roteiro sobre a atividade dessas mulheres acessando a experiência de trabalho de outra forma. No processo de construção do roteiro, poderíamos “rebobinar” cenas passadas, reavaliá-las, montar a cena mais uma vez. Não como mera repetição do que foi realizado anteriormente, e sim como outra realização.

Ivar Oddone (1986) criou a *instrução ao sócia* ao investigar a atividade profissional dos operários da FIAT³. Oddone empregou esta estratégia por não conseguir fazer com que os operários falassem sobre seu trabalho utilizando perguntas diretas. Com este procedimento, percebeu ser possível obter detalhes do trabalho humano ao instruí-los a falar sobre ele como se falassem a um sócia.

Inspiramo-nos nessa estratégia criada por Oddone (1981, 1986, 2013) justamente por também não conseguirmos fazer com que as profissionais do sexo falassem conosco diretamente sobre seu fazer realizado. Ser profissional do sexo é muitas vezes um segredo que se esconde da família, dos amigos e do círculo social com o qual se convive. Acreditamos que este método nos permitiu acessar a experiência de trabalho dessas mulheres de outra forma. Para tanto, tivemos que ver a situação de trabalho como alguém que sabe muito pouco ou mesmo nada sobre ela, antecipando alguns obstáculos possíveis durante a sua realização.

Para Yves Clot (2010), a *instrução ao sócia* é uma maneira de o trabalhador se confrontar consigo mesmo. Ao dialogar com o pesquisador, o trabalhador não expressa apenas as atividades já realizadas, mas também revive o passado e faz o passado reviver no presente, para a ação presente. O vivido se torna meio para a realização de outros possíveis.

As trabalhadoras orientaram a sócia a como trabalhar para dar conta de suas atividades, indicando o que fazem habitualmente e o que não podem fazer, o que devem e o que não é devido, o que fariam e o que não fariam. Dessa forma, acessamos a vivência da ação e tudo que não pôde ser feito e vivido por elas. A ação não vivida é

parte tão importante quanto a ação vivida no real da atividade daquelas mulheres (CLOT, 2006).

O compartilhamento da experiência é regulado por seu destinatário. Ao se dirigir à pesquisadora, as trabalhadoras estão realizando uma atividade. Ao narrar suas experiências, há a modificação e a reorganização de suas atividades. Objetivamos deslocar a atividade do nível das idealizações - como, por exemplo, que ser prostituta é um trabalho fácil, que não há necessidade de aprendizagem, que a atividade é reduzida ao ato sexual - ao nível material em um novo contexto, na e pela linguagem (CLOT, 2010).

Tivemos dois encontros com duas profissionais do sexo, Katie e Fernanda, dentro do Parque Moscoso. Elas só topariam conversar conosco se pudessem falar juntas. Adaptamos o método às exigências que as circunstâncias da pesquisa estabeleciam. Falar com as duas ao mesmo tempo nos trouxe alguns deslocamentos do processo investigativo. Tivemos algumas derivações, acompanhando o movimento processual da pesquisa, como, por exemplo, não conseguir que elas apenas instruissem o sócia, em vez de também contar suas histórias no passado “- Eu fazia assim.” “- Quem nós, nós entendíamos de tal maneira.” O exercício de instrução teve de ser constantemente retomado, lembrado. Em dupla, contudo, foi possível que elas dirigissem ora a fala ao sócia, ora a fala a seu par.

Em diversos momentos uma interpôs-se à outra, corrigindo a orientação dada ao sócia. Dessa forma, se tornaram visíveis algumas ações que passavam despercebidas durante seus dias como profissionais do sexo. Isso ocorre quando Katie se interpõe à fala de Fernanda, por exemplo, e diz que, na verdade, a primeira coisa que faziam ao acordar era fumar um cigarro: “- *Mentira! Primeira coisa quando nós acordava de manhã era acender o cigarro. Depois ia tomar banho, aí escovava o dente, saía do banheiro e descia.*” O ato de fumar todos os dias ao acordar provavelmente já era tão rotineiro na vida de Fernanda, que ela já nem se dava conta dele.

Conversar com as duas ao mesmo tempo também nos fez perceber, logo de início, diferenças importantes na realização desta atividade: Fernanda diz não trabalhar sem bebida; já Katie afirma que, por mais que tivesse vergonha, ia “de cara”. Essas histórias e suas modulações ajudaram a formular um roteiro da atividade dessas profissionais, roteiro que traz questões pertinentes ao gênero das profissionais do sexo. Questões que as afetam e que afetam suas atividades.

Para além das normas antecedentes

Katie: - E aí, a fim de um programinha? - Se ele aceitar, você vai para o hotel, diz quanto é o programa, recebe e deixa a grana com uma colega na portaria.

Pesquisadora: - Quanto eu cobraria por programa?

Fernanda: - 25, 20 seu e 5 da chave. Se você fizer 4 programas por dia, aí não precisa pagar aluguel. Mas a gente sempre dizia pra dona do hotel que tinha feito menos programa, pra não ter que pagar a chave.

Pesquisadora: - E seria fácil eu enganá-la?

Katie: - Teve uma época, depois que eu ganhei o neném, que eu fui pra faxina. Aí eu ficava na portaria e controlava as chaves. Então era fácil enganar a dona...

Pesquisadora: - Eu sempre preciso de uma colega pra deixar o dinheiro?

Fernanda: - Tem que sempre trabalhar em dupla.

Pesquisadora: - E se não tiver ninguém?

Fernanda: - Aí leva o dinheiro com você mesmo.

Pesquisadora: - Então se chegasse um cara lá, e eu ainda no lugar de vocês, eu teria que falar o que? Ou só ia entrando?

Fernanda: - Não, é só ir entrando. Ele já sabe já. Porque ali ele já sabia, na época, era só entrar com cara e aí você só falava “quanto tempo? Meia hora”. Meia hora ou uma hora. Muitos homens pediam uma hora, mas a gente só falava meia hora. Com vinte minutos nós tava lá batendo na porta da outra. E tipo assim sempre rola a trambicagem ali entre nós. Aí nós já tinha já o nosso acordo, com vinte minutos nós ia batendo, porque tem homem, eu já tive, uma vez deu entrar num carro, um cara botar uma arma ne mim, entendeu? Eu fui salva porque ele me levou aqui, perto da Catedral, ele com a arma toda dura, pensei, agora ele vai me matar. Aí teve um senhor que saiu com um pedaço de... um facão. Na hora que ele saiu com o facão, sorte que o cara tava muito drogado e eu consegui sair do carro. Aí eu pedi socorro o homem. Aí o homem foi e chamou a polícia, mas como eu era garota de programa, antes da polícia chegar eu vazei do velho, né? Mas me aconteceu isso comigo também.

Pesquisadora: - Ocorre muito isso?

Katie: - Ocorre, acho que você também já foi, uma vez com um cara que, ele não fazia nada, mas ele sempre botava medo, levava a gente lá pro Tancredão antes e fazia aquele negócio? Que ele ficava com as meninas no...

Fernanda: - Antes de montar aquela quadra. Que, aquilo lá antigamente era um motel da gente. Saía dentro de carro, quando ele não queria pagar o motel e fazia dentro do carro.

Katie: - Que ele ficava, pagava direitinho, depois que ele terminava ele sempre tirava a faca e fazia você sair correndo.

Fernanda: - Foi eu, é. Foi isso mesmo uma vez. Não, ele pagava tudo direitinho e tal, fazia o programa normal. Quando ele terminava de vestir a roupa, ele tirava uma faca e mostrava pra gente e falava “me devolve o dinheiro e desce do carro”. A gente ia fazer o que? Tinha que sair mesmo.

Pesquisadora: - Mas isso aconteceu mais de uma vez com o mesmo cara?

Katie: - Não, eu acho que foi você que foi uma vez...

Fernanda: - Foi eu.

Katie: - Que aí ele passou e me chamou e você falou “fica esperta porque ele...” aí no dia que eu fui, antes de terminar de botar a roupa eu já abri a porta do carro e me mandei, minha filha, com a blusa na mão... Eu saí correndo.

Fernanda: - Ele tira uma faca deste tamanho e “devolve o dinheiro”.

Katie: - Tirava uma faca e “devolve o dinheiro” dentro do carro.

Fernanda: - Já, já aconteceu também deu uma vez eu sair, chegar o cara e ver que ele ia me pagar, acabar não me pagando, fez eu descer do carro e não me pagou. Isso acontece, mas...

Como saber quais situações são arriscadas e quais não? Como se aprende o que fazer dentro do quarto com o cliente? Como se iniciar nessa profissão? Parte-se, na maioria das vezes, do pressuposto de que todo mundo já sabe o que é ser prostituta e o que fazer com o cliente (LEITE, 2009). A história não é tão simples. Nesse âmbito, alguns movimentos terminam por reduzir a atividade àquilo que as normas antecedentes descrevem como códigos de conduta para dada profissão.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em seu espaço dedicado à formação e à experiência necessárias às garotas de programa, aponta alguns cursos complementares de formação profissional (BRASIL, 2010). Entre eles, cursos de beleza, de cuidados pessoais e de planejamento do orçamento. Além disso, afirma que para o exercício profissional os trabalhadores devem participar de oficinas sobre sexo seguro oferecidas pelas associações da categoria. São necessários pelo menos 2 anos de experiência para a plena realização da atividade.

Entre suas atribuições, há muito mais que fazer sexo: elas têm que buscar o programa, minimizar as vulnerabilidades, atender e acompanhar clientes e promover a organização da categoria. A CBO lista doze competências pessoais necessárias ao exercício da ocupação: demonstrar capacidade de persuasão; demonstrar capacidade de comunicação; demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais; demonstrar paciência; planejar o futuro; demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; demonstrar capacidade de ouvir; demonstrar capacidade lúdica; demonstrar sensualidade; reconhecer o potencial do cliente; cuidar da higiene pessoal; e manter sigilo profissional. Mesmo com todas essas atribuições e competências necessárias, não há uma escola formal para a formação de putas.

Gabriela (LEITE, 2009), ao nos descrever seu primeiro cliente, conta ter sentado na cama do bordel em pânico, sem saber o que fazer. Acabou por não realizar o programa. No segundo, após combinar o preço, como orientado pela cafetina, resolveu

ir tirando a roupa. Fez sexo, seu cliente gozou, tudo parecia nos conformes. Logo depois o cliente reclamou, disse que ela não era uma boa profissional, pois nem ao menos havia demonstrado prazer. Ela não conseguiu compreender aquela cobrança: como sentiria prazer com um completo desconhecido? Entendeu nessa hora que, para ser puta, não bastava abrir as pernas.

Entendemos com isso, no âmbito da clínica da atividade (CLOT, 2006), que a atividade vai além da tarefa realizada e de normatizações como as da CBO, passíveis de serem descritas. Ela é fonte permanente de recriação de formas de viver. Para realizar o seu trabalho em um meio em constantes mudanças, o sujeito faz escolhas, antecipa e improvisa, o que convoca a mobilização física e psíquica do trabalhador (TEIXEIRA et alii., 2009). As prescrições e normas antecedentes compõem a atividade, mas não se limitam a ela. Por mais que por vezes constriam a atividade do trabalhador, esta extrapola o prescrito, realizando desvios inventivos para que a tarefa prescrita possa ser realizada. O trabalhador reformula para si as prescrições quando estas estão distantes do seu fazer real. A atividade é, portanto, “fonte de uma espontaneidade indestrutível” (CLOT, 2006: 14) e nunca pode ser medida apenas por prescrições exteriores.

Gabriela, Fernanda e Katie se formaram na “batalha”, aprenderam a fazer, fazendo - no diálogo com outras prostitutas, com os clientes, com os valores produzidos em sociedade e com os desafios que se apresentam nas especificidades de cada situação de trabalho.

Gênero da atividade [das profissionais do sexo]

Percebemos a importância da existência de uma memória compartilhada, que Clot (2006; 2010) chama de *gênero da atividade*. Os gêneros da atividade são um conjunto de regras explícitas e implícitas para o agir, construídas pelo próprio grupo de trabalhadores de uma determinada profissão e compartilhadas pelo coletivo de trabalho no decorrer de sua história.

Vemos com Katie que, se foi possível receber o pagamento de um cliente “espertinho”, foi por causa da circulação de informações a respeito dele. Foi porque alguém já havia vivido este impedimento e compartilhado suas experiências com os pares. O diálogo foi importante, nesse caso, para saber o que esperar nas situações de trabalho e, dessa forma, saber como agir e como modificar a própria ação. Katie pôde inventar alternativas para os impedimentos.

As experiências compartilhadas ajudam-nas a se safarem de situações arriscadas ou mesmo a saber como se portar nelas. Não considerar a prostituição como uma atividade, reduzi-la a um conjunto de normas antecedentes ou constrangê-la através de artigos acadêmicos que buscam assujeitar essas profissionais é ignorar o real da atividade deste gênero. O real da atividade vai além do que foi meramente realizado, sendo tanto o que o sujeito faz quanto o que ele não faz, o que ele não pode fazer, o que tentou, mas não conseguiu ...

Percebemos como algumas das especificidades do gênero das profissionais do sexo, estilizado pelas profissionais do Parque Moscoso, o modo como tentam garantir o segredo do que fazem para suas famílias, cônjuges e amigos; o trabalho que realizam que muitas vezes não é considerado como trabalho, por ser visto como indigno de ser vivido; a maneira como realizam refeições através de porções pagas pelos clientes o dia inteiro, mas nunca com horários fixos; o trabalho a qualquer hora do dia; e mesmo o trabalho nas horas de lazer, muitas vezes o momento mais lucrativo.

No trabalho realizado no Parque Moscoso, a coletivização do trabalho não parece se dar por meio de reuniões e assembleias sindicais, como descrito na CBO. Ela acontece no dia-a-dia, nas conversas de bar, nas casas de prostituição, em atividade. Apesar do crescimento e fortalecimento de grupos de prostitutas⁴ por todo o país, não conseguimos localizar nenhum grupo ou associação atual das profissionais dos arredores do Parque.

A atividade encontra recursos em uma história coletiva, validando ou invalidando estratégias do comportamento na relação de cada um com os colegas de trabalho, com a hierarquia e com a própria norma que a antecede. A organização coletiva do trabalho preenche a distância entre a organização oficial do trabalho e a vida. Essa organização corresponde ao jeito de trabalhar, às formas de falar e de sentir que se estabilizam por certo período de tempo em um meio profissional.

Pudemos perceber, em nossas conversas, diversos valores e regras, tácitos ou não, que compõem a atividade das prostitutas, como, por exemplo, a quantidade de programas que deve ser feita por dia para pagar a chave do hotel. É estabelecido entre elas e os donos dos hotéis o mínimo de programas necessário para pagar as despesas com o hotel, regra a ser cumprida para que continuem ali trabalhando. Cada uma determina para si quantos programas além farão para suprir os gastos que elas mesmas estabelecem para aquele mês. Algumas, quando atingem a meta de programas pré-

estabelecida, podem mesmo fazê-los nas horas de lazer, momento em que dizem cobrar o dobro do preço.

Nos encontros, ouvimos que uma verdadeira profissional não se apaixona pelo cliente. Ouvimos que a melhor forma de sair desse meio é sendo resgatada por um cliente que a resolva desposar. Ouvimos que, para realizar a contento sua tarefa, você deve ser cínica. Santos pontua, na cidade de São Paulo, o preconceito de algumas profissionais do sexo com o que chamam de “puta de paredão”: aquelas mulheres que fazem sexo com qualquer homem. Essas seriam apenas mulheres promíscuas, não profissionais como elas (SANTOS, 2008).

Todas essas formulações perpassam o gênero, fazem parte dele. Através do gênero, percebemos uma série de ações e gestos obrigatórios, proibidos ou possíveis. Por meio dele, o profissional pode antecipar os resultados de sua ação, agindo. Ou mesmo, em se tratando de um gênero debilitado, sem eficácia, o profissional pode se atrapalhar em suas ações. O gênero, contudo, não é estático, está em mobilidade constante.

O estilo é o movimento no qual o sujeito modifica o curso das atividades esperadas, transformando o gênero. É essa a forma que os trabalhadores encontram de se desvencilhar do gênero. Fernanda não age “de cara”, precisa beber para encarar. Katie se diz mais “cara de pau”, não necessita de bebidas. O exercício individual permite discordâncias estilísticas, as quais podemos visualizar com a instrução ao sócia. Os gêneros são, portanto, coerções e, ao mesmo tempo, meios de agir (CLOT, 2010: 91).

Afirmar a atividade das prostitutas é afirmar sua historicidade (CLOT, 2010). É disponibilizá-la a uma história diferente daquela de onde veio. O profissional cria outras experiências, por meio de suas experiências já vividas, ampliando efetivamente seu poder de ação.

Criações e renovações estilísticas

Katie: - Você diz assim: “Que tal uma ducha quentinha?” Então você vai tomar banho e demora muito, pra diminuir dos 30 minutos.

Fernanda: - Aí você faz oral, depois penetração e aí acabou.

Pesquisadora: - E eu faria tudo isso como?

Fernanda: - Ué, normal.

Pesquisadora: - Normal como?

Fernanda: - Você quer saber, assim, tudo que acontece?

Pesquisadora: - Conte algo que eu deveria saber pra fazer o que vocês fazem.

Katie: - Eu não beijo na boca nem faço anal.

Fernanda: - Nem eu. Sempre já vou dizendo isso logo.

Pesquisadora: - E se o cara quiser, o que eu faço?

Fernanda: - Você passa pra outra.

Katie: - Eu aceitava. Virava, fechava bem as pernas e o cara metia entre as pernas e achava que tava fazendo anal.

Pesquisadora: - Mas como eu deveria fazer para ele não perceber a diferença?

Katie: - Você tem que fechar bem as pernas, apertar mesmo. O cara literalmente fazia nas coxas.

Pesquisadora: - E pra não beijar o cara, o que eu teria que fazer?

Fernanda: - É só virar o rosto quando ele tentar, aí ele vai perceber.

Pesquisadora: - Eu ia usar camisinha em todos os programas?

Fernanda: - Até pra fazer o oral.

Pesquisadora: - E se alguém entrasse e falasse assim: “não quero camisinha!” O que eu faria?

Fernanda: - Você falava pra ele que você, que nem nós, nós chegava e falava “sem camisinha não vai”. “Não, mas eu sou limpinho”, muitos falavam isso. Fala “não dá”. Então, muitas vezes a gente já saía do quarto. A gente vestia a roupa e falava “sem camisinha, a gente não vai”.

Katie: - E, agora, tem outra técnica, né?, que... De repente ele fala assim “ah, não, não, vamos sem, que não sei o que”, aí, devido agora a essa camisinha feminina que inventaram, tem muitas que já é mais esperta, igual, assim, eu mesma já fiz muito isso. “Ah, então espera um pouquinho”, ia lá no banheiro e enfiava a camisinha feminina.

Pesquisadora: - E ele nem sentiria?

Katie: - Ele ia e pra ele tava normal. Se você enche ela de gel, ela fica toda melada por dentro, então ele acha que é normal.

Pesquisadora: - É uma tática, né?

Fernanda e Katie: - É uma tática!

Fernanda: - É, muitos também, forçava a gente também a fazer sexo oral sem camisinha. Também não dava. Aí a gente sempre tinha uma mania, inventava sempre, dentro do quarto sempre a gente inventava, tem uma história na cabeça. Aí começava a inventar...

Katie: - Vem na hora!

Fernanda: - ...Vem na hora, no pique ali...

Convocamos, através do sócia, a atividade de trabalho contida no real da atividade. Fazemos emergir os impedimentos do agir das prostitutas do Parque e os recursos que disponibilizam para transpor esses impedimentos. Conseguimos visualizar que, ao contrário do que podemos ter pensado um dia, as tarefas de uma prostituta vão muito além do ato de fazer sexo. Vão mesmo além das atividades sexuais, de modo geral. Instruir uma iniciante a fazer sexo oral, penetração com quatro posições e não beijar na boca não nos parece suficiente para dar conta do que fazem essas mulheres.

Encantamo-nos com o tanto de detalhes necessários à realização da atividade. Também com suas histórias de vida, seus pensamentos acerca do que fazem, tantas vezes paradoxais. Percebemos que constantemente suas ações são impedidas e que elas se desdobram para dar conta de algumas normas antecedentes necessárias ao trabalho. Vimos como nossas colegas que trabalham no Parque transpõem esses impedimentos, criam outras formas de fazer. Quando os clientes não querem usar camisinha, se utilizam de jeitinhos próprios, charmes, espertezas... “- *Gostoso é com a boca!*”, diz uma. “- *Coloco camisinha feminina cheia de lubrificante e ele nem sente*”, diz outra. Katie nos conta a inacreditável saída ao sexo anal: fechar bem as pernas.

A inventividade do trabalhador funciona exatamente para driblar esses impedimentos, já que as normas antecedentes não dão conta do real da atividade. Elas fazem usos inventivos de seus corpos, atribuem novas funções às ferramentas usadas em seu trabalho. Tem-se um saber compartilhado sobre os clientes. Avisa-se quando o cara é caloteiro, quando é bom pagador... Há quem faça site⁵ em internet para compartilhar informações sobre eles. As formas de coletivização do trabalho são as mais diversas nesse *métier*.

Para a Clínica da Atividade (CLOT, 2010), a instrução ao sócia cria subsídios metodológicos a fim de que o trabalhador busque não só conhecer, analisar ou denunciar as formas de dominação e sofrimento existentes, mas apropriar-se dos recursos do meio coletivo para criar e recriar suas próprias relações com o trabalho. Sua função técnica é exatamente essa: colocar em circulação as formas pessoais de agir que têm por objeto o gênero comum. Ela dá visibilidade ao gênero, possibilitando discuti-lo e desenvolvê-lo. Não para atingir um ponto melhor, um ápice, mas sim para diferenciá-lo, modificá-lo de acordo com os usos individuais dele.

Acreditamos na possibilidade de nessa atividade as mulheres não sucumbirem ao automatismo que, por vezes, está ali colocado. A instrução ao sócia pode resultar na validação coletiva de novas possibilidades ao gênero.

Considerações finais

Os modos como operam as profissionais do sexo em atividade são possíveis a partir das relações que estabelecem entre si, com os valores, com as normas

anteriores, com a lei, com os clientes etc. As relações que estabelecemos se modificam todo o tempo, movimentando a vida. Os modos encontrados nessa pesquisa, portanto, podem já nem mais ecoar na atividade das profissionais do Parque Moscoso, mas certamente fazem parte da história de constituição destas.

Ao pesquisar, percebemos a importância, para elas, de estar junto, aceitando falar com a pesquisadora somente em conjunto. Vimos também que poder falar sobre suas histórias propiciou a elas compartilhar suas experiências, entre elas e com a pesquisadora. Pensamos, a partir disso, na necessidade de existirem mais espaços de diálogo neste gênero. Não pretendemos negar os espaços já constituídos e que têm formas próprias de existir. Mesmo com poucos espaços, vimos que essas mulheres encontram suas maneiras de dialogar e de compartilhar experiências.

A utilização de método inspirado na instrução ao sócio foi muito rica, se pensarmos nessa importância de espaços em que o diálogo seja possível. Especialmente na forma como se modulou no campo, pudemos visualizar como uma direcionava a fala a todo instante à outra, repensando a atividade e potencializando suas vidas.

Esperamos ter contribuído com a análise das formas homogeneizantes de pensar a prostituição. Gostaríamos de ressaltar as invenções e potencialidades presentes na vida dessas mulheres, que certamente não se reduzem às normas anteriores escritas e não escritas para sua ocupação.

Percebemos, ao longo do percurso de pesquisa, o quanto o entendimento da prostituição como indigna afeta as mulheres que exercem esta atividade. Alguns valores produzidos socialmente, como a citada indignidade, acabam sendo considerados naturais, imutáveis e eternos. Para transformar a atividade de trabalho, acreditamos que é preciso dar visibilidade e colocar em análise as normas e os valores que a têm constrangido, desnaturalizando-os e reconhecendo-os como produtos de um contexto histórico-econômico que não podemos ignorar.

Referências

- ABSI, P. La professionnalisation de la prostitution: Le travail des femmes (aussi) en question. *L'homme et la société*, 176-177 (2010) 193-212, 2010.
- BARBOSA, A. et al. Análise ergonômica do trabalho de prostitutas da Vila Mimosa. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF, Niterói, v.19, n.2, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-00232007000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2011

- BORBA, R. Intertextualidade: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 49, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2013.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**, 2010. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br>>. Acesso em: 22. set. 2010.
- CLOT, Y. *A função Psicológica do Trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- GUIMARAES, K.; MERCHAN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 fev. 2013.
- LAGENEST, J. P. B. de. *Mulheres em leilão*. São Paulo: Vozes, 1975.
- LEITE, G. *Filha, mãe, avó e puta. A história de uma mulher que decidiu ser prostituta* / Gabriela Leite; em depoimento a Marcia Zanelatto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LOPES, C. S.; RABELO, Ionara V. M.; PIMENTA, R. P. B. A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mar. 2012.
- MOURA, A. D. A.; PINHEIRO, A. K. B.; BARROSO, M. G. T. Realidade vivenciada e atividades educativas com prostitutas: subsídios para a prática de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2013.
- ODDONE, I et al. *Ambiente de Trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec, 1986
- _____. Reflexiones sobre el modelo obrero italiano. *Salud, Trabajo y Medio Ambiente*, v. 2, n. 5, p. xx-xx, 2007. Disponível em: <http://www.bvsst.org.ve/documentos/pnf/salud_trabajo_y_ambiente_revista_sindicat.pdf>. Acesso em: 4 set. 2013.
- ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. *Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail?* Paris: Éditions Sociales, 1981.
- RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? *Rev. Katálysis*, Florianópolis, v. 12, n. 1, Jun. 2009.
- SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). *Conversas sobre a atividade humana*. Niterói: Eduff, 2007.
- SIMON, C. P.; SILVA, R. C. da; PAIVA, V. Prostituição juvenil feminina e a prevenção da Aids em Ribeirão Preto, SP. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 4, Aug. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000500012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2012.

TEIXEIRA, D. V.; BARROS, M. E. B. de. Clínica da atividade e cartografia: construindo métodos de análise do trabalho. *Psicologia & Sociedade*. Florianópolis, v. 21, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em 06 dez. 2009.

SANTOS, M. A. et al. Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo. *Cad. Psicol. soc. Trab.*, São Paulo, v. 11, n. 1, jun. 2008. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2011.

Ana Paula da Vitoria Mattedi
E-mail: apmattedi@gmail.com

Maria Elizabeth Barros de Barros
E-mail: betebarros@uol.com.br

Silvia Vasconcelos Carvalho
E-mail: silviacj@superig.com.br

¹ Nomes fictícios escolhidos pelas próprias mulheres como forma de mantê-las no anonimato.

² Nome fictício escolhido por ela como forma de mantê-la no anonimato.

³ O psicólogo italiano Ivar Oddone pediu aos operários da FIAT que falassem das suas principais dificuldades no trabalho. A pesquisa, entretanto, fracassou, porque os operários falavam apenas do que idealizavam fazer, e não do fazer realizado. Oddone resolveu então levar o trabalhador a imaginar que seria substituído no dia seguinte e que ninguém poderia perceber essa substituição. Sendo assim, inventou o procedimento chamado “instrução ao sócia”, no qual o trabalhador deveria instruir seu sócia, transmitindo-lhe o que fazer no seu lugar o mais fielmente possível (CLOT, 2010).

⁴ Podemos citar algumas instituições, como a Associação das Mulheres Profissionais do Sexo da Bahia (Asproba); a Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde (Rio de Janeiro); e o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (Gempac).

⁵ Raquel Pacheco, também conhecida como Bruna Surfistinha, escrevia em um blog sua rotina como prostituta e descrevia seus clientes. O site se popularizou e Bruna escreveu livros sobre o assunto: *O Doce Veneno do Escorpião*: o diário de uma garota de programa; *O que aprendi com Bruna Surfistinha* - Lições de uma vida nada fácil; e *Na cama com Bruna Surfistinha*.